

# “E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará”? A retórica religiosa na construção do “mito” bolsonarista e sua recepção pelo evangelicalismo brasileiro

“And you will know the truth, and the truth will set you free”?  
Religious rhetorics in the construction of the bolsonarist  
“myth” and its reception by brazilian evangelicalism

**Lucas Oliveira Vianna**

Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, Rio Grande do Sul, Brasil

**Matheus Thiago Carvalho Mendonça**

Universidade Nacional de La Plata, Buenos Aires, Argentina

## RESUMO

O artigo problematiza o sucesso obtido por Jair Bolsonaro em angariar uma adesão tão resoluta do evangelicalismo brasileiro, partindo da premissa de que esse êxito não pode ser explicado em termos de mera conveniência política ou alinhamento ideológico. Para responder tal problema, adotou-se o método hipotético-dedutivo, que recorre ao conceito antropológico de cosmovisão (*Weltanschauung*) a fim de estabelecer um paralelo entre as doutrinas religiosas dominantes no evangelicalismo nacional e o conteúdo do discurso apresentado por Bolsonaro e seus apoiadores. A hipótese defendida é a de que o sucesso da campanha bolsonarista deveu-se ao fato de que ela instrumentalizou temas, signos e mitos centrais na teologia neopentecostal, desvinculando-os de seu contexto original para associá-los à pessoa e ao governo do candidato/presidente, construindo, assim, uma mimese narrativa que apresentou Bolsonaro, implícita e explicitamente, como uma nova figura messiânica que viria para libertar seu povo do cativo, bem como demandando de seus simpatizantes não apenas um apoio político, mas uma adesão afetiva, quase religiosa.

**Palavras-chave:** Bolsonarismo, Cosmovisão, Evangelicalismo brasileiro, Antropologia da religião.

---

Recebido em 01 de novembro de 2022.  
Avaliador A: 21 de dezembro de 2022.  
Avaliador B: 22 de dezembro de 2022.  
Aceito em 09 de junho de 2023.

---



## ABSTRACT

This article deals with the success obtained by Jair Bolsonaro in gaining such a resolute adherence from Brazilian evangelicalism, based on the premise that this phenomenon cannot be explained in terms of mere political convenience or ideological alignment. To answer this problem, we adopted the hypothetical-deductive method, using the anthropological concept of worldview (*Weltanschauung*) to establish a parallel between the dominant religious doctrines in national evangelicalism and the content of the discourse presented by Bolsonaro and his supporters. The hypothesis defended is that the success of his campaign results from the fact that it used themes, signs and myths that are central to neopentecostal theology, detaching them from their original context to associate them to the president himself and to government of the candidate/president, thus building a narrative mimesis that presented Bolsonaro, both implicitly and explicitly, as a new messianic figure who would come to free his people from captivity, demanding from his sympathizers not only political support, but also affective and quasi-religious adherence.

**Keywords:** Bolsonarism, Worldview, Brazilian evangelicalism, Anthropology of religion.

## INTRODUÇÃO

“Deus”, “Constituição”, “militares”, “família” e “povo” são conceitos insistentemente repetidos nas falas públicas do ex-Presidente Jair Messias Bolsonaro (SILVA; LIMA, 2021). É precisamente a inquietude decorrente dessa escolha de palavras – e do uso de outros instrumentos que fazem parte do ferramental discursivo do núcleo governista – que motivam o esforço dessa pesquisa.

De plano, deve-se esclarecer que esse artigo constrói seu itinerário teórico a partir de duas premissas. A primeira refere-se à tônica religiosa na comunicação pública empregada por Jair Bolsonaro, seus partidários e membros do governo, tanto no curso da campanha como no exercício da Presidência da República. A premissa admite que a retórica religiosa utilizada pelo bolsonarismo<sup>1</sup> funciona como um veículo privilegiado de diretrizes à sua base eleitoral. Essa

---

<sup>1</sup> Seguindo a hipótese lançada por Ribeiro (2020, p. 465), o *bolsonarismo* deve aqui ser entendido como a mais nova face da extrema-direita brasileira nas primeiras décadas do século XXI, tendo como principais bases ideológicas o neoprottestantismo e a defesa do legado da ditadura militar. Para o Bolsonarismo, religiosidade e autoritarismo locupletam-se e reproduzem-se, processando a linguagem da violência (em suas dimensões física e simbólica) como tática política”. Ademais, observa-se que o bolsonarismo costuma estar associado à retórica de defesa da família (heteronormativa), do patriotismo, do reacionarismo, do autoritarismo, do anticomunismo, do negacionismo científico, da defesa do porte de armas, da contundente rejeição dos direitos humanos e da aversão à esquerda política, um movimento também pela profunda estima pela figura de Bolsonaro, comumente chamado de “mito”. Não obstante, ao considerarmos a colocação de Roland Barthes (2007) acerca do fascismo como homogeneização forçada das opiniões públicas, poder-se-ia afirmar que o bolsonarismo demonstra tendências fascistas.

estratégia é implementada com o fim de homogeneizar os ânimos de seus ouvintes por meio de realidades compartilhadas; consolidar a imagem do “mito” bolsonarista como um líder franco, que traduz os anseios do povo e luta contra o *establishment* político; mitigar o surgimento de eventuais desacordos diante de crises políticas; e estimular o contundente rechaço aos argumentos opostos (GRACINO JÚNIOR; GOULART; FRIAS, 2021).

A segunda premissa diz respeito ao caráter singular do apoio que Bolsonaro recebeu do evangelicalismo nacional. É certo que uma compreensão ampla do fenômeno do bolsonarismo não pode prescindir da sua localização contextual e da compreensão do paradigma fático brasileiro de imbricação entre Estado e religião. Por essa razão, evidenciam-se estudos relevantes que se debruçam sobre a conjuntura sociopolítica e histórica que propiciou a ascensão de Bolsonaro (PASSOS, 2020; CAMURÇA, 2019), inserindo-o também no cenário de crescente ativismo político evangélico e conservador em outras eleições presidenciais da América Latina (MARIANO; GERARDI, 2019). Deve-se reconhecer, portanto, que “nunca houve uma ausência de religião no Estado, nem no espaço público, no Brasil” (BURITY, 2020a, p. 84), bem como compreender os modos como “as principais igrejas evangélico-pentecostais ocuparam a política, mediante suas bancadas parlamentares e cargos governamentais, para estabelecer uma normatividade legal através da qual os valores de sua dogmática religiosa são convertidos em políticas públicas” (CAMURÇA, 2020, p. 82).

Dito isso, entende-se que há uma diferença qualitativa entre as atuações partidárias do evangelicalismo no passado e sua adesão ao projeto e à pessoa de Bolsonaro, o que justifica o presente recorte. Enquanto aquelas, historicamente, basearam-se no apoio público motivado por um alinhamento ideológico, conveniência política ou busca por representação, este guardou características de uma adesão pessoal não diferente de um ato de fé. Em outras palavras, se, por um lado, a atuação de líderes religiosos em busca de poder político no Brasil não é inusitada, por outro, visualizaram-se, no fenômeno em exame, não apenas uma ação das igrejas para modificar o espaço público, mas também a figura de Bolsonaro provocando profundas transformações no imaginário dos evangélicos.

Uma ressalva necessária é a constatação de que o próprio segmento protestante não é monolítico em seu ideário, com uma porção significativa de evangélicos, muitos de jaez progressista, que não só rejeitaram o governo bolsonarista como também têm se posicionado historicamente de forma crítica ao ativismo político evangélico conservador (CAVALCANTI, 1985). Nesse norte, para os fins do presente artigo, entende-se “evangelicalismo” como o setor da população evangélica brasileira, majoritariamente conservadora na moral e pentecostal na teologia, que, influenciada pela *teologia do domínio* (WAGNER, 1996), buscam influenciar políticas públicas à luz de seus valores religiosos. Em síntese, “uma hegemonia cultural evangélica que intenta se concretizar em hegemonia política, como projeto para a direção moral

e política da sociedade” (BURITY, 2020b, p. 2).

Pressupondo que (1) a retórica religiosa tenha sido sistematicamente empregada como estratégia comunicativa por Bolsonaro para captar eleitores dos diversos segmentos do evangelicalismo brasileiro e que (2) essa estratégia tenha se mostrado sumamente efetiva ao conquistar o apoio ferrenho de líderes religiosos e seus fiéis,<sup>2</sup> há uma pergunta central entre esses dois estados de coisas: como isso foi possível? Dito em outro tom, esse artigo pretende responder à seguinte indagação: como a retórica religiosa utilizada na comunicação de Bolsonaro conseguiu captar o apoio político de uma ampla parcela do evangelicalismo brasileiro, não apenas de seus líderes, mas também dos congregantes em geral?

A hipótese aqui defendida é a de que a tônica religiosa presente no discurso público de Bolsonaro e de seus apoiadores foi construída *sistematicamente* a partir de conceitos e ícones próprios do evangelicalismo brasileiro – de seu cânone, suas narrativas e vivências compartilhadas –, de modo a erigir um “mito” bolsonarista à semelhança de um profeta, ou mesmo de um ícone messiânico, enviado pela providência divina para “livrar” o país de um mal iminente (o comunismo) e conduzir a nação a um momento glorioso de plena restauração do sentimento nacional. Com isso, ao fazer uso político de conceitos caros aos evangélicos – como ficou demonstrado no uso de um fragmento do Evangelho (“E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará”) como *slogan* publicitário –, o bolsonarismo converteu sua narrativa (sobre o caos político, a redenção e o futuro nacional) em uma verdade amplamente aceita por muitos evangélicos (ainda que de forma implícita), o que lhe possibilitou sequestrar o imaginário evangélico, agravar a hiperpolarização político-partidária e gozar da aceitação acrítica de suas decisões controversas, como se fossem providências inescrutáveis de uma divindade que requer uma fé acima de qualquer suspeita. A função desse “mito” religioso serviria de elo de vinculação à identidade evangélica e mobilizador privilegiado dos afetos traduzidos na adesão ao projeto de poder bolsonarista.

Para averiguar essa hipótese, a pesquisa instrumentaliza o método hipotético-dedutivo e se vale da revisão bibliográfica como instrumento metodológico, que abarca: as falas públicas de Bolsonaro documentadas em noticiários e arquivos institucionais ou publicadas em mídias sociais dos mais diversos estratos e as análises sobre sua retórica publicadas em repositórios científicos e bibliografias especializadas nos campos da antropologia, da filosofia da religião, da

---

2 Essas duas premissas beneficiam-se das conclusões obtidas pelos estudos realizados por Almeida (2019), Oliveira (2019), Matos (2020) e, especialmente, Alexandre (2020) e Martins (2021).

sociologia do fenômeno religioso, da teologia cristã e afins<sup>3</sup>.

O argumento aqui esboçado apresenta-se em três momentos: no primeiro, são apresentadas diversas categorias do conceito antropológico de “cosmovisão”, que servem de método de análise do restante do trabalho; após, analisa-se a retórica religiosa do discurso bolsonarista, especialmente no tocante ao uso de seu *slogan* e à construção de Bolsonaro como um profeta messiânico, tudo para conferir-lhe uma aceitação acrítica e defendê-lo de seus opositores na arena discursiva; por fim, o artigo demonstra como essa retórica envolveu aspectos fundantes da cosmovisão do evangelicalismo brasileiro, o que explica a sua internalização por uma ampla parcela desse segmento.

## MUNDOS HABITADOS: O CONCEITO DE WELTANSCHAUUNG COMO UM MÉTODO PARA ENTENDER O IMAGINÁRIO SOCIAL EVANGÉLICO

Antes de ingressar nas estratégias empregadas pela retórica bolsonarista com o propósito de captar a devoção do evangelicalismo brasileiro, é necessário compreender os mecanismos antropológicos subjacentes ao imaginário moral dessa população que permitiram que essas estratégias funcionassem. Para isso, é importante compreender como funcionam e se desenvolvem os sistemas de crenças, e é por isso que se mostra como panorama teórico viável o conceito antropológico de cosmovisão.

O uso do termo “cosmovisão” (também chamado de “visão geral de mundo” ou “mundividência”) remonta ao alemão “*Weltanschauung*”, empregado de forma vestibular pelo filósofo Immanuel Kant, em sua obra *Crítica do julgamento*, na qual o autor descreve:

[...] se a mente humana pode estar apta a pensar o infinito sem contradição, deve ter em si um poder que é supersensível, cuja ideia do númeno não pode ser intuída, mas, ainda assim, pode ser considerada como o substrato subjacente ao que é mera aparência, nominalmente, nossa intuição do mundo [*Weltanschauung*]. Pois apenas por meio desse poder e sua ideia nós, em uma estimação puramente intelectual de magnitude, compreendemos o infinito inteiramente sob um conceito, ainda que em uma estimação matemática de magnitude por meio de conceitos numéricos nós jamais possamos pensá-lo em sua totalidade. (KANT, 1987, p. 111-112).

---

3 Neste ponto, é relevante ressaltar, contudo, que os próprios meios escolhidos pelo presidente e seus apoiadores para divulgação de suas narrativas (eminentemente mídias sociais descentralizadas, como Facebook, Youtube e afins) impede que haja uma restrição das fontes a veículos de mídia “tradicionais”. Optou-se, nesse sentido, por privilegiar estes quando possível, mas recorrendo-se também a recentes obras literárias de autores que coletaram tais falas (MARTINS, 2021; ALEXANDRE, 2020), bem como publicações feitas em perfis pessoais de redes sociais dos emissores das falas examinadas.

Como se pode perceber pela leitura acima, o contexto imediato do uso da palavra sugere que, ao utilizar esse termo, Kant fazia referência simplesmente à percepção do mundo, não possuindo o *Weltanschauung*, nesse momento, o significado bem mais denso que lhe é atribuído atualmente (NAUGLE, 2002, p. 59).

O primeiro uso do termo com uma conotação mais próxima da contemporânea foi possivelmente operado por Friedrich Wilhelm Joseph von Schelling (1775-1854), que utilizou o conceito para descrever “um modo auto-realizado, produtivo e consciente de apreender e interpretar o universo dos seres” (HEIDEGGER, 1982, p. 4). A partir daí, o termo espalhou-se e ramificou-se por meio de diversos autores, como Schleiermacher, Hegel, Goethe, Engels, Kirkegaard, Dilthey e outros, adquirindo enorme popularidade na filosofia alemã do século XIX, tornando-se um companheiro praticamente indispensável do próprio termo “filosofia” (NAUGLE, 2002, p. 62). Na alvorada do século XX, sua popularidade atinge o ápice.

Na antropologia, especificamente, a noção de cosmovisão encontra suas origens na concepção de “cultura”, principalmente como desenvolvida por Franz Boas e seus discípulos, A. L. Kroeber e Clark Wissler. Esses antropólogos estadunidenses, em seus estudos de tribos indígenas originárias, rejeitaram as perspectivas etnocêntricas dominantes até então que dividiam as sociedades entre “primitivas” e “civilizadas”. Essa recusa se deu a partir da compreensão de que estes povos, tanto quanto os invasores de origem europeia, também possuíam um complexo sistema de pensamento e valores que não poderia ser reduzido a um simples “acúmulo de elementos aleatórios” – eram antes uma forma integrada e internamente coerente de organizar e explicar o mundo ao seu redor (KROEBER, 1948).

Agora, em que pese o conceito de cosmovisão ter se originado nos trabalhos antropológicos sobre cultura, é importante que se compreenda que atualmente tais termos não são intercambiáveis, especialmente no recorte efetuado pelo presente artigo. A fim de operar uma distinção entre tais construtos, mostram-se pertinentes as elaborações de Robert Redfield (1968). Para o autor, o traço distintivo da *Weltanschauung* está no fato de que ela não é apenas um agregado de valores e signos culturais, também possuindo um caráter estrutural e fundante que se delineia principalmente a partir das respostas que confere às questões últimas da vida, ou seja, à “maneira pela qual um homem, em determinada sociedade, vê a si mesmo em relação a tudo o mais”, às respostas que apresenta às perguntas “‘Onde estou?’, ‘Entre o que eu caminho?’, ‘Qual a minha relação com essas coisas?’”; em síntese: “a ideia do homem a respeito do universo” (REDFIELD, 1968, p. 30). Na perspectiva do autor, há questões que são universais à existência humana, tais como o “eu”, tempo, espaço, nascimento, morte, sexo, maturidade, humano e não humano, e são as respostas que determinada cosmovisão apresenta a essas perguntas últimas que configuram seu centro gravitacional, o ponto arquimediano no qual o sujeito baseará sua apreciação dos aspectos secundários da realidade.

Sem embargo, a definição de Redfield pode apresentar uma perspectiva demasiadamente cognitivista das cosmovisões, ao resumi-las a uma série de postulados sobre as questões básicas da existência humana. Por essa razão, acrescem-se ao itinerário conceitual aqui desenvolvido as contribuições de Talcott Parsons e Edward Shils (1952), que concluíram que os sistemas de crenças das pessoas e sociedades apresentam três dimensões: a cognitiva, a afetiva e a avaliativa. Para eles, a dimensão predominante seria justamente a avaliativa, pois é por meio da incidência dela na cognitiva que se estabelecem verdadeiro e falso; na afetiva, o belo e o feio; e em si mesma, o certo e o errado (HIEBERT, 2016, p. 30).

De todo modo, observa-se que a cosmovisão, numa perspectiva antropológica, se estrutura como um encadeamento interligado de crenças, umas fornecendo suporte a outras, as mais básicas sustentando as mais complexas; na pedra de esquina desse edifício se encontram as respostas fornecidas pelo sujeito às questões últimas da existência humana, tais como “Por que estamos aqui?” e “Qual o propósito da vida?”. As cosmovisões, ao menos tacitamente, são uma resposta ao problema da existência e do significado do mundo, esboçam uma resposta subliminar à questão última da existência (NAUGLE, 2002, p. 61).

É aqui que se evidencia a relevância do construto antropológico de *Weltanschauung* para se compreender por que um discurso religioso, como aquele adotado por Bolsonaro, demonstrou tanta eficácia na conversão da opinião de grande parte da população. Isso porque as respostas a essas perguntas fundamentais não podem ser inferidas por silogismos racionais ou demonstradas por observação empírica, sendo objeto de atenção não da ciência, mas da filosofia e, principalmente, da religião. A prevalência do fenômeno religioso na sociedade e sua tramitabilidade, mesmo em uma época em que o espaço público está cada vez mais secularizado, se sustentam justamente no fato de que as metanarrativas religiosas geralmente fornecem respostas bem-definidas às questões últimas da existência (KOYZIS, 2021). Com efeito, perguntas desse jaez não podem ser respondidas cientificamente, mas religiosamente. Por essa razão, alguns autores têm concluído que todas as cosmovisões, veiculadoras ou não de um discurso confessional em sentido estrito, possuem em sua essência uma raiz religiosa (DOOYEWEERD, 1984; CLOUSER, 2005; NAUGLE, 2002)<sup>4</sup>.

Como aponta Roy Clouser (2005, p. 3),

[...] [a] crença religiosa sempre funciona como uma pressuposição regulatória para qualquer teoria abstrata, e esta é inevitável não apenas devido à presença histórica e

---

<sup>4</sup> É importante esclarecer que o termo “religioso” aqui não é empregado em seu sentido restritivo, referente a tradições confessionais específicas. Utilizo-o a partir de uma perspectiva semelhante àquela trabalhada pelo filósofo John Finnis (1980) em sua teoria descritiva social de bens humanos básicos, em que o autor se refere à religião como a existência inquestionável de indagações metafísicas em relação à ordem que ultrapassa por completo o campo da experiência individual, alcançando a origem do cosmos, da liberdade humana e da razão.

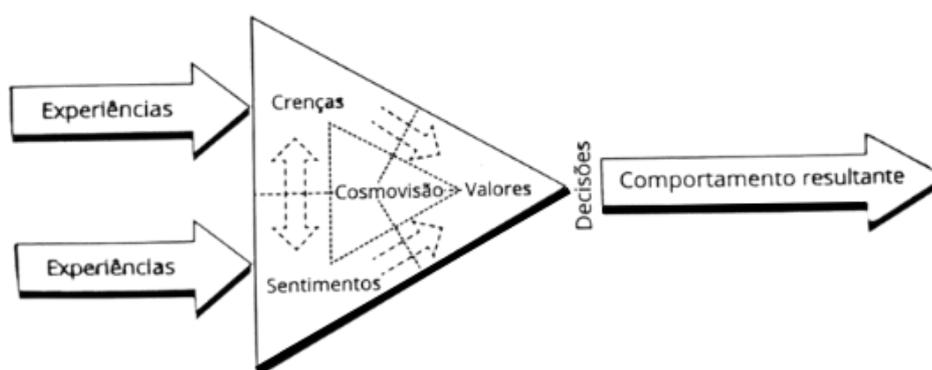
social de tais crenças em nossa cultura, mas porque está atrelada ao próprio processo de construção da teoria.

Além disso, as cosmovisões compartilham com as confissões religiosas a característica de que não são fruto do raciocínio teórico do sujeito que as sustenta, pelo contrário, estruturam e orientam todo o pensamento teórico que labora a partir delas. Em síntese, a cosmovisão é uma visão pré-teórica, arraigada num compromisso religioso básico, em interação com a experiência ordinária da vida (KOYZIS, 2021).

É essencial observar, ainda, que a cosmovisão não se exaure em crenças abstratas sobre a realidade – assume, em vez disso, um papel instrumental e direcionador na forma como o sujeito age no mundo. Ela é como um mapa da realidade que o sujeito utiliza para se situar no mundo e organizar suas ações e condutas (GEERTZ, 2008). A predominância da dimensão avaliativa não está apenas em sua incidência reguladora nas dimensões cognitivas e afetivas, mas no fato de que é ela que provê a mediação entre a esfera da ação prática e as afirmações e sentimentos (PARSONS; SHILS, 1952). Ao prover o *locus* do *self* no cosmos, elas funcionam como bússolas da ação moral e política. Em suma, “cosmovisões não são ideias, sentimentos e valores fundamentais, mas ‘mundos habitados’” (HIEBERT, 2016, p. 34).

A partir das considerações precedentes, pode-se sintetizar o conceito de cosmovisão, para os fins do presente estudo, como um sistema de crenças pré-teóricas que abrange os “pressupostos fundamentais cognitivos, afetivos e avaliadores que um grupo de pessoas adota sobre a natureza das coisas e que utiliza para organizar sua vida” (HIEBERT, 2016, p. 19).

**Figura 1.** As dimensões da cultura



Fonte: HIEBERT (2016, p. 31).

Os estudos de antropologia contemporâneos apontam uma série de elementos constitutivos

e características das cosmovisões, tais como temas, contratemas, conjuntos, camadas, signos, mitos, rituais e lógica, entre outros. Para a presente pesquisa, pretende-se destacar apenas três aspectos na corrente análise: temas, signos e mitos.

Para o primeiro conceito, utiliza-se a definição de Morris Opler, que descreve o tema como um “postulado ou uma posição, declarada ou implícita, que geralmente controla o comportamento ou estimula a atividade, que é tacitamente aprovada ou abertamente promovida em uma sociedade” (OPLER, 1945, p. 198). Trata-se de uma concepção similar ao que Jacques Ellul (1964) e Peter Berger (BERGER; BERGER; KELLNER, 1973) denominam de metáforas-raiz. Um exemplo de tema é a ênfase ocidental no indivíduo como precedente do coletivo, o que se visualiza desde as obras contratualistas clássicas, que visam a justificar a sociedade a partir da liberdade individual, até a perspectiva dominante de igualdade, em sua acepção formal, no ideário de direitos humanos. Em culturas organicistas, como as dos povos originários e a de muitas civilizações orientais, a lógica é inversa: há a compreensão de que o indivíduo apenas obtém propósito e significado no contexto de sua comunidade. Isso tem implicações para as noções de liberdade, igualdade e propriedade.

Opler (1945) também aponta que, embora haja temas dominantes, nenhum tema é absoluto dentro de uma cultura. A ele sempre correspondem contratemas que mantêm a tensão do sistema, como fatores limitadores que preservam um nível de equilíbrio. Essa tensão permite a integração e a estabilização da cosmovisão, o que não é feito, contudo, de maneira estática, mas dinâmica, com os diferentes polos da relação se fortalecendo ou se enfraquecendo nas metamorfoses culturais. Por fim, seguindo a divisão já mencionada, tem-se que os temas podem ser classificados em cognitivos, afetivos e avaliativos, com base na função que cada um exerce na estrutura da cosmovisão.

O segundo elemento das cosmovisões que concerne a este estudo é o signo. Um signo é designado por Charles Peirce (1955) como uma forma que representa uma realidade, real ou percebida. Podem ser divididos em símbolos (cuja ligação com a realidade a que correspondem é arbitrária), ícones (caracterizados pela semelhança entre signo e realidade) e índices (que descrevem não o objeto em si, mas seu lugar dentro de uma ordem específica). Os signos são triádicos, vinculam uma realidade objetiva, um símbolo designativo e uma imagem subjetiva, invocada na mente. Um exemplo típico de signos são os rituais performados nas religiões.

Traz-se ainda o conceito de mito, utilizado para designar uma narrativa que confere sentido a uma realidade. Aqui é importante salientar a distinção do uso científico do termo em relação à sua acepção coloquial de algo “fictício”. Em seu uso nas ciências antropológicas, “mito” significa “a grande narrativa em que a história está inserida, a narrativa pela qual a história e as histórias de vidas humanas são interpretadas”; ou, em outras palavras,

[...] histórias transcendentais que se creem verdadeiras, trazendo ordem cósmica, coerência e sentido para as experiências, emoções e ideias aparentemente sem sentido do mundo cotidiano, ao dizer às pessoas o que é real, eterno e duradouro. (HIEBERT, 2016, p. 33).

Cumpra-se realçar que os mitos não possuem a pretensão de serem descritivos ou exatos, mas de transmitir um significado maior para a comunidade e situar seu *locus* no mundo.

Como explica Robert Antoine (1975, p. 57), “os mitos não são mentiras ou abordagens ‘não científicas’ de segunda mão, mas um método *sui generis* e insubstituível de entender verdades que, de outro modo, permaneceriam inacessíveis a nós [...]”

[...]

“A linguagem de um mito é a memória da comunidade”, de uma comunidade que se mantém unida porque é uma comunidade de fé. (ANTOINE, 1975, p. 57).

Todas as cosmogonias religiosas tradicionais e a fundação de Roma a partir de Rômulo e Remo são exemplos de mitos.

Assentados esses elementos estruturantes e qualificadores das cosmovisões, o presente estudo pode, a partir de sua compreensão, examinar como o discurso bolsonarista lidou com os aspectos fundantes da mundividência do evangelicalismo brasileiro, o que explica o seu sucesso de captação das massas protestantes brasileiras.

## “E CONHECEREIS A VERDADE, E A VERDADE VOS LIBERTARÁ”: AS CREDENCIAIS DE UM PRETENSO PROFETA MESSIÂNICO

“Sigam o exemplo do governo. Adotem o lema de João 8:32. Afinal de contas, né, isso deveria ser um carimbo na testa de cada jornalista; a verdade acima de tudo” (MENDONÇA, 2020)<sup>5</sup>. Os ataques de Bolsonaro aos jornalistas e aos grupos midiáticos são há muito conhecidos – na verdade, a rudeza, o discurso verbal agressivo e as feições sérias são partes de sua estética desde sua campanha eleitoral (D’ÁVILA, 2021). Quando questionado sobre temas espinhosos, Bolsonaro mantém uma postura hostil frente aos jornalistas e demais interlocutores (CARVALHO, 2020).

O que interessa a essa investigação é o *locus* desses excertos bíblicos – quase sempre descontextualizados – tão repetidos dentro do discurso de Bolsonaro. A hipótese sustentada

<sup>5</sup> Tais colocações foram proferidas por Jair Bolsonaro na manhã de 20 de fevereiro de 2020, durante um evento no Palácio do Planalto. Na ocasião, o presidente fez várias referências à imprensa e insinuou que os veículos nacionais de comunicação faltam com a “verdade”.

neste trabalho entende que o *slogan* bolsonarista pretende, na verdade, assemelhar o conceito de “verdade libertadora”, tal como expresso no Evangelho, à sua verdade, ao seu discurso<sup>6</sup>. Para sustentar esse ponto, é necessário entender – de forma tão objetiva quanto possível – o contexto da passagem bíblica utilizada por Bolsonaro e aquilo que a faz tão sugestiva para os evangélicos.

Ora, a passagem adotada por Bolsonaro foi extraída de uma interlocução entre Jesus e alguns ouvintes obstaculizada por um mal-entendido. Um tema central nesse discurso é a questão das origens:

Jesus é de cima, de Deus; seus oponentes são de baixo, do diabo. Jesus fala aqui em termos espirituais a respeito do mundo, não em termos étnicos [...], mas nem seus interlocutores na narrativa, nem alguns intérpretes subsequentes entenderam o ponto do conflito. (KEENER, 2012, p. 738).

O problema se desenrola porque alguns ouvintes parecem concordar com Jesus, mas apenas superficialmente; são desafiados quanto à natureza de suas meras reivindicações de fé não demonstradas pela perseverança, isso é, afirmações de fé que não são corroboradas com a prática. Com efeito, o desafio lançado aos ouvintes e sobre a visão que eles têm de si mesmos inevitavelmente provoca hostilidade (KEENER, 2012, p. 738). É nessa discussão acerca da sinceridade da crença dos ouvintes que Jesus profere a frase convertida em *slogan* bolsonarista: “Disse, pois, Jesus aos judeus que haviam crido nele: Se vós permanecerdes na minha palavra, sois verdadeiramente meus discípulos; e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” (Jn, 8, 31-32). Uma leitura objetiva da passagem tem o poder de indicar que a *verdade* mencionada em João (8, 32) estaria associada essencialmente à doutrina que a pessoa de Jesus Cristo comunicava<sup>7</sup>.

Embora Bolsonaro tenha demonstrado ter conhecimento acerca da interpretação

6 Neste ponto, é preciso abordar a dimensão libertária do mote bolsonarista. Tal aspecto tornou-se facilmente perceptível no contexto dos debates ensejados pela crise sanitária decorrente da pandemia de covid-19, quando se discutiu a necessidade de diversas restrições (de reunião, de locomoção e afins). Embora tais restrições fossem temporárias e precariamente impostas pelas circunstâncias em favor da saúde pública, Bolsonaro e seus partidários seguiam insistindo, literalmente, que era preferível morrer a perder a liberdade (QUEIROGA: ‘COMO DIZ O PRESIDENTE ...’, 2021). Uma possível influência desse apelo libertário é o julgamento da Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF) 811, em que o Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu manter a restrição temporária da realização de atividades religiosas coletivas presenciais no estado de São Paulo como medida de enfrentamento da pandemia de covid-19. À época, diversas instituições religiosas (a maioria evangélicas) definiram a aludida proibição como uma violação do direito fundamental de liberdade religiosa.

7 São Tomás de Aquino, ao analisar o texto, explica o seguinte: o “Senhor [Jesus] também dá isso para aqueles que creem; assim ele diz: vocês conhecerão a verdade, a verdade, isto é, a doutrina que ensino [...] a graça e a verdade vieram por meio de Jesus Cristo [...]” (AQUINO, 2010, p. 124, grifo original). Craig Keener concorda com esta leitura, ao dizer que “conhecer a verdade na linguagem judaica pode se referir à verdade sobre Deus (que simboliza a verdade por sua natureza). No Quarto Evangelho, a verdade caracteriza viver e adorar com integridade, mas também a mensagem divina resumida por Jesus e o Espírito que testifica dele” (KEENER, 2012, p. 747). D. A. Carson (1990), especialista no Novo Testamento, também mantém o entendimento de que a verdade, nesse texto, deve ser entendida como a doutrina apresentada em e por Jesus.

ortodoxa majoritária do texto<sup>8</sup> – que aponta para o núcleo duro da doutrina cristã –, decide instrumentalizar o fragmento bíblico como um modo de consolidar sua narrativa. Isso porque, “embora o apelo à memória de sua origem religiosa permaneça, o seu funcionamento discursivo no campo da política [...] conjuga outro efeito de sentido” (CURCINO, 2019, p. 482). Além de promover o lastro religioso do candidato, seu emprego como *slogan* atua como uma autodefesa, como uma blindagem contra as denúncias dos adversários políticos relativas ao uso sistemático de *fake news* como *modus operandi* de sua campanha e seu governo<sup>9</sup>.

Com efeito, o próprio contexto em que o trecho bíblico está inserido é curiosamente *sugestivo*. O texto é repleto de dualidades – os de cima/os de baixo, judeus/gentis, livres/escravos – Jesus lida com seus opositores argumentando que só seriam *verdadeiramente livres* por meio da aceitação de sua pessoa (e de sua doutrina). Nessa mesma linha, Bolsonaro, de forma insidiosa, confunde-se com o Cristo, atribuindo ao excerto do Evangelho uma dimensão *personalista*, apresentando-se como porta-voz da sua verdade, da única versão digna de credibilidade (ALEXANDRE, 2020).

A ironia dessa apropriação sistemática do versículo bíblico como *slogan* não reside apenas na sua subversão, mas também na sua repetição estratégica. A *subversão* de seu sentido visa a fomentar uma *indistinção* entre a “verdade” mencionada pelo candidato e a “verdade” do texto bíblico, de modo a naturalizar essa equivalência semântica. No que diz respeito à *repetição*, a invocação constante desse *slogan* tem um duplo objetivo: afastar daquele que o invoca a atribuição de faltar com a verdade e, simultaneamente, atribuir ao adversário essa condenação. Em síntese, Bolsonaro

[...] deixa claro sua confusão e amálgama[,] em que a verdade que é Cristo também é verdade sobre ele. Jesus e “nossas verdades” são constantemente intercambiáveis, como se as versões bolsonaristas dos fatos fossem elas próprias verdades do Cristo. (MARTINS, 2021, p. 57.1).

<sup>8</sup> Em 3 de maio de 2016, no plenário da Câmara dos Deputados, o então deputado federal Jair Bolsonaro (à época, membro do Partido Social Cristão) admite a interpretação ortodoxa do texto do Evangelho: “[...] Em João 8:32, está bem claro: ‘E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará’. Obviamente que a verdade é Jesus, é Cristo. Sr. Presidente, vou trazer uma questão ao nosso nível de mortais, fazendo um paralelo com o que acabei de dizer. Tenho usado muito esta tribuna, e a minha munição é a verdade, o que incomoda muita gente [...]” (BRASIL, 2016, p. 76). Contudo, como se vê, embora Bolsonaro admita o entendimento ortodoxo da passagem, não hesita em instrumentalizá-la em sua defesa política.

<sup>9</sup> “Para obter credibilidade, Bolsonaro adotou a estratégia de ‘colocar em suspeição as informações dos grandes meios de comunicação e dar crédito às informações vindas das redes fechadas e ancoradas em relações de confiança e proximidade’ [...]. Um exemplo emblemático disso foi o incentivo a que seus apoiadores migrassem de redes sociais abertas [...] para canais de Telegram fechados. [...] Ao fazê-lo, o Presidente [*sic*] conseguiu influenciar, de forma extremamente contundente, a estrutura, “sequestrando” seus apoiadores para redes epistêmicas fechadas, no qual [*sic*] o fluxo informacional estava diretamente sob o controle seu e de seus partidários” (BORGES; VIANNA; MENDONÇA, 2021, p. 410-411).

Essa estratégia retórica de adotar dogmas evangélicos para legitimar o candidato e suas propostas foi replicada em diversos outros textos e doutrinas do credo cristão, visando a criar uma amálgama indistinguível entre a verdade crida pelos religiosos e aquela promulgada pelo candidato. A propósito, esse caráter autoritativo do discurso bolsonarista – no qual sua verdade tem o poder de associar indivíduos em prol de uma causa comum e dispersar seus opositores – apresenta uma mimética notável em relação a um conceito-chave no conjunto dogmático judaico-cristão: o profeta.

Visionários, adivinhos, milagreiros e proclamadores de palavras divinas. Dentre essas possíveis acepções (ou dimensões da personagem), “o Profeta no Antigo Testamento é uma figura singular. Se há equivalentes dos Profetas bíblicos em outras culturas da antiguidade, o fenômeno é, contudo, único em Israel. É único pela sua própria natureza, pela sua fonte e pela sua argumentação” (NEGRO, 2009, p. 153).

Quando da consolidação da Monarquia Unida em Israel (por volta do ano 1.021 a.C.), em que as chamadas Doze Tribos foram arregimentadas sob o governo do rei Saul, a figura do Profeta despontou como uma personagem da dinâmica política extremamente importante naquele âmbito social. Enquanto o rei exercia o ofício de governante civil e os sacerdotes encarregavam-se das celebrações religiosas *institucionais*, o profeta era um veículo privilegiado da mensagem divina, convertendo-se em “um paradigma de ação, de adesão, de arrebatamento pela Palavra do Senhor, que o toma de modo quase absoluto” (NEGRO, 2009, p. 154). Nessa linha, o profeta encontra-se desvinculado de poderes, apresentando-se quase sempre *à margem das instituições* estabelecidas, “não em função delas, mas sim do Deus de Israel” (NEGRO, 2009, p. 156). Há uma razão especial para tal condição: o profeta partilha do *pathos* divino.

As palavras do profeta são explosões de emoções violentas. Sua repreensão é dura e implacável. Mas se essa *profunda sensibilidade ao mal* deve ser chamada de histérica, que nome deve ser dado à indiferença abismal ao mal que o profeta lamenta? [...]. O profeta é um homem que sente ferozmente. Deus colocou um fardo sobre sua alma, e ele está curvado e atordoado com a ganância feroz do homem. Assustadora é a agonia do homem; nenhuma voz humana pode transmitir todo o seu terror. A profecia é a voz que Deus deu à agonia silenciosa, uma voz aos pobres saqueados, às riquezas profanadas do mundo. É uma forma de viver, *um ponto de cruzamento de Deus e do homem*. Deus está furioso nas palavras do profeta (HESCHEL, 1962, p. 5-6, grifos nossos).

O hebraísta, teólogo e pensador judeu-estadunidense Abraham Heschel consegue sintetizar com bastante clareza o conteúdo da experiência existencial do profeta. Sua sensibilidade ao mal, sua paixão pela mensagem que comunicava, seus “métodos” inusuais, frequentemente recusados pelo público, e sua posição quase sempre contrária ao *establishment* monárquico e religioso de sua época são marcas do profetismo no Antigo Testamento. Tais características relacionam-se com uma premissa fundamental: a interpretação da condição

humana, na profecia, baseia-se numa revelação *inacessível* ao restante da comunidade.

A profecia não é simplesmente a aplicação de padrões atemporais a situações humanas particulares, mas sim uma interpretação de um momento particular da história, *uma compreensão divina de uma situação humana*. A profecia, então, pode ser descrita como exegese da existência *de uma perspectiva divina*. (HESCHEL, 1962, p. xxvii, grifo nosso).

Todo esse conjunto de signos presente na narrativa bíblica, que permeia o imaginário social evangélico, é habilmente capturado por líderes personalistas (em especial por ministros evangélicos, particularmente no âmbito das congregações neopentecostais<sup>10</sup>). Nesse contexto de comunidades afeitas a líderes personalistas (por vezes abusivos), que arrogam para si a primazia de discernir os desígnios divinos, as “verdades” emitidas na retórica de Bolsonaro foram as genuínas manifestações de um profeta do Brasil contemporâneo:

O profetismo foi um fenômeno que atravessou toda a história da nação de Israel. Profetas eram pessoas que irrompiam no meio do povo afirmando ter uma palavra de revelação do próprio Deus, credenciados [*sic*] por seu relacionamento profundo com ele, e não por sua posição dentro da elite da época. [...] Na cultura israelita, em muitos aspectos o profeta representava aquilo que, nas democracias modernas, chamaríamos de “freio e contrapeso”: nenhum monarca flertaria com o poder absoluto enquanto houvesse um profeta por perto (ALEXANDRE, 2021, p. 33.6).

Valendo-se dessas características já *normalizadas* dentro do imaginário social evangélico, a retórica bolsonarista busca requerer de seus partidários e ouvintes em geral um comportamento acrítico, de plena aceitação e efusiva anuência – como quem recebe uma iluminação divina sobre o desconhecido. Bolsonaro emite livremente suas opiniões a respeito da história política brasileira, da geopolítica internacional, das pautas ambientais, das alianças político-partidárias e afins, sem quaisquer comprovações científicas ou provas robustas. Ao ser questionado, sua resposta é “E precisa prova disso aí?”<sup>11</sup>, como se seu discurso jamais pudesse ser posto a prova.

<sup>10</sup> “Dentro dos círculos neopentecostais, a figura do líder ungido chama atenção por ser geralmente intocável. Criticá-lo é como criticar o próprio Deus que o enviou. É comum descontextualizarem falas messiânicas do Antigo Testamento, como ‘não toqueis no ungido do Senhor’ (cf. Salmos 105.15) para repreender qualquer postura de exame ou julgamento da figura de liderança. Silas Malafaia, por exemplo, em uma de suas falas mais famosas, disse: ‘Quem é que toca no ungido do Senhor e fica impune? Ungido do Senhor é problema do Senhor, não teu. Tu pastor é ladrão? É pilantra? Você não está gostando? Sai de lá e vai pra outra igreja. Não se mete nisso, não, porque não é da tua conta. Cai fora. Vai embora [...]. Só não arruma problema. Não toca em ungido [...]. Rapaz, aprenda isto: eu já vi gente morrer por causa disso, meu irmão. [...] Quem é você para julgar um pastor ladrão, afinal?’. Não apenas Malafaia prega esta postura de total e absoluta complacência aos ‘ungidos’. Essa é uma doutrina padrão nos círculos neopentecostais e é propagada em congressos pelas mais variadas lideranças. Versos bíblicos que eram usados contra o assassinato de líderes civis escolhidos por Deus em um contexto israelita passam a ser aplicados ao juízo moral até mesmo de pastores ladrões. Aplicado a uma figura civil, este conceito cobra um tipo perigoso de subserviência estatal” (MARTINS, 2021, p. 18.9).

<sup>11</sup> Resposta proferida por Bolsonaro ao ser perguntado sobre as evidências de suas acusações, que afirmam que os médicos cubanos participantes do Programa Mais Médicos (iniciado em governos anteriores) são, na verdade, “células de guerrilhas” (GULLINO; SOARES, 2019).

Não obstante, para além da aceitação acrítica, os matizes proféticos da retórica empregada por Bolsonaro possuem, outrossim, uma finalidade mais: uma proteção contra opositores. Tal como os profetas do Antigo Testamento utilizavam métodos “peculiares” de anúncio de sua mensagem – e eram ridicularizados e marginalizados pelo *establishment* político da época –, Bolsonaro vangloria-se de angariar a ferrenha oposição de quem quer que seja, pois seriam todos, em sua perspectiva, mentes encurvadas por um mal oculto, subservientes aos interesses de George Soros e sua agenda globalista, e por isso incapazes de compreender as “verdades” defendidas por Bolsonaro.

Nessa linha, Bolsonaro dá um passo adiante: seu discurso pretende gozar da fé cega que só se deve a uma divindade. Sua rejeição e seu escárnio, portanto, assemelha-se àqueles dos profetas incompreendidos e socialmente inconvenientes do Antigo Testamento, ou mesmo de Cristo, o líder revolucionário martirizado em prol da manutenção do *status quo* do Império de Roma sobre o Patriarcado de Jerusalém.

Tais proposições não são meras *intuições*, mas diretivas claras pronunciadas pelo ex-ministro das Relações Exteriores Ernesto Araújo, por ocasião da cerimônia de formatura do Instituto Rio Branco:

Eu gostaria de encerrar [...] citando o Evangelho. Quando diz: “a pedra que os construtores rejeitaram, essa pedra tornou-se a pedra angular do edifício”. De fato, a pedra que os órgãos de imprensa rejeitaram e a mídia rejeitou, e a pedra que os intelectuais rejeitaram, a pedra que tantos artistas rejeitaram, a pedra que tantos autoproclamados especialistas rejeitaram, essa pedra tornou-se a pedra angular do edifício, o edifício de um novo Brasil. (MRE, 2019).

A passagem citada pelo então chanceler aparece originalmente na literatura poética da Bíblia Hebraica (Sl, 118, 22). Na sequência do cânone cristão, o texto é citado pelo próprio Jesus nos Evangelhos (Mt, 21, 42; Mc, 12, 10; Lc, 20, 17) e é posteriormente recuperado pelo apóstolo Pedro (1 Pe, 2:6-8). Todas as referências, novamente, direcionam-se para a figura messiânica do Cristo, que, rejeitado por Israel, assume a centralidade do mistério da salvação.

Por último, merece ser registrada a síntese do teólogo e pastor batista Yago Martins, apresentada na obra *A Religião do Bolsonarismo* (2021). Com o intuito de “deixar um registro literário dos aspectos religiosos do projeto de poder bolsonarista”, o teólogo cearense logra construir o que merece ser considerada a epítome de uma resposta cristã ao apoio evangélico de Messias Bolsonaro<sup>12</sup>. Sobre as credenciais messiânicas que Bolsonaro arroga para si em suas várias “verdades” libertadoras, Martins escreve:

---

<sup>12</sup> Nessa mesma linha recomenda-se, ainda, as reflexões do jornalista Ricardo Alexandre (2020).

Bolsonaro mente mais [sic] não apenas pela mentira ser seu modo de fazer política, mas também porque precisa falar mais, já que sua religião civil possui um credo. É o governo da história recente mais preocupado com a própria ortodoxia. Ele não é louvado principalmente pelo que faz, como é de se esperar de qualquer governo – principalmente de um governo que se diz cristão, que deveria ser conhecido pelos frutos e pelas obras (Mateus 7.13-24) –, mas pelos credos. O bolsonarismo é um movimento político que se importa com a heresia, com os ideais, com as declarações [...]. Diante de qualquer argumento que exponha mentiras do presidente, sua base de apoio é rápida em deixar claro que tudo não passa de um mal-entendido ou de uma distorção de homens mal-intencionados. É como se o presidente precisasse ser blindado de qualquer possibilidade de erro, como se suas palavras precisassem ser defendidas a qualquer custo. [...] O sacrifício dos deuses políticos existe para que eles continuem como divindades. Xerxes não pode sangrar, por isso o líder autoritário nunca assumirá qualquer erro. Um presidente disposto a se manter idolatrado jamais poderá pedir desculpas ou recuar sem dar ares de que esse sempre foi o objetivo oculto. Assim, o povo idólatra se submete em nível total ao homem, abandonando a submissão última que só deveria ser entregue a Cristo Jesus (MARTINS, 2021, p. 68.2).

Assim, em síntese, houve duas estratégias principais que permitiram a Bolsonaro utilizar de forma artificiosa os conceitos que já eram preciosos ao protestantismo brasileiro. A primeira foi seu tratamento instrumental de uma doutrina que seria radical na teologia evangélica (a verdade), com o alargamento de seus limites conceituais, que se referem não ao messias histórico do cristianismo, mas à credibilidade do discurso específico proferido pelo candidato. A segunda foi a sua apresentação, implícita e explícita, como uma espécie de profeta messiânico, que lhe conferiu a autoridade (reconhecida por grandes líderes evangélicos) para interpretar os dogmas evangélicos como legitimadores de seu governo.

## **“VINHO NOVO EM ODRES VELHOS”: A RETÓRICA RELIGIOSA BOLSONARISTA**

A desfiguração do conceito de verdade e a assunção de um caráter profético permitiram a Jair Bolsonaro tratar os textos bíblicos e os temas da cosmovisão evangélica com ampla liberdade hermenêutica e interpretativa, sem que, com isso, fosse acusado de heterodoxia por seus apoiadores. Nesta última seção serão analisados alguns dos principais temas, signos e mitos da *Weltanschauung* evangélica desfigurados pelo candidato e seus apoiadores (a maioria deles líderes de comunidades religiosas) para legitimar suas pretensões.

O primeiro tema evangélico cooptado pelo bolsonarismo foi o do “eleito de Deus” ou “ungido”, que corresponde no texto neotestamentário à figura do Messias. A vinda do Messias para inaugurar o reino divino é um tema recorrente na literatura do Antigo Testamento, aplicado

pelo Novo Testamento à pessoa de Jesus.

O caráter distintivo do Messias está justamente no fato de que ele não é um líder autoproclamado, mas alguém designado diretamente por Deus. Sua autoridade, portanto, é incontestável, pois tem origem transcendente. Esse recurso retórico foi utilizado por diversos líderes religiosos, com a narrativa de que quem se opunha ao candidato estava se opondo ao próprio Deus. É o sentido da fala do pastor Silas Malafaia, que proclama que

Deus escolheu as coisas vis, de pouco valor, desprezíveis, que podem ser descartadas, as que não são, que ninguém dá importância, para confundir as que são, para que nenhuma carne se glorie diante dele. [...] É por isso que Deus te escolheu. (MALAFAIA, 2018).

“Deus escolheu Bolsonaro presidente”, como afirma a composição intitulada “Bolsonaro, emissário de Deus”, de autoria de certo grupo musical religioso (FILHAS DO MESTRE, 2021).

Destaca-se também um vídeo, compartilhado pelo próprio presidente, que mostra uma pregadora deficiente visual dizendo que viajou de ônibus por três dias para entregar a Bolsonaro profecias : Deus “mandou falar para o senhor que tu és o escolhido dele”, (FOLHA POLÍTICA, 2020). Como explica Ricardo Alexandre (2020, p. 9.20):

existe um nome para isso: messianismo [...]. [...]a ideia de que alguém foi designado desde a eternidade pelo próprio Deus para estar em um lugar específico, separado para uma missão específica – e, portanto, questionar um messias é questionar a vontade do Deus que o enviou.

Diante da figura do Messias, não cabe ao fiel o questionamento, mas a adesão pessoal por meio de um ato de fé. Não por outra razão, seus apoiadores não foram conclamados a colocar à prova as palavras do presidente, mas a confiarem na sua pessoa. Um exemplo emblemático é a fala do ex-ministro da Educação Abraham Weintraub, que declarou, mais uma vez aplicando um versículo à pessoa de Jair: “O presidente Bolsonaro é rei Davi que está enfrentando Golias. Eu sou a pedra que o rei Davi pegou do chão, colocou na funda e jogou para derrubar Golias. E a pedra não pensa, ela voa” (WEINTRAUB, 2019, 23:51).

Outro aspecto notável do Messias está no fato de que há uma grande ênfase não apenas na qualidade de sua pessoa, mas também na revolução histórica das condições cosmológicas e políticas que ele ocasionará com sua vinda. Assim como Moisés teria sido ungido para libertar o povo de Israel do exílio egípcio, assim como Jesus teria sido ungido para libertar o povo de Deus da condenação do pecado, também a ascensão de Jair Bolsonaro foi tratada como uma *dobradiça histórica*, ou seja, um momento de virada no curso da história brasileira, em que o candidato é aquele que impediria a ocorrência de um apocalipse no Brasil, que se tornaria, nos dizeres do político, uma “nova Venezuela” (MARTINS, 2021).

Outrossim, o Messias é tratado bíblicamente como aquele que vem para revelar a verdade divina, que estaria oculta. Assim afirma a mulher no poço de Samaria: “Eu sei [...] que há de vir o Messias, chamado Cristo; quando ele vier, nos anunciará todas as coisas” (Jo, 4, 25). Semelhantemente, a mesma composição musical anteriormente citada traz “A verdade, nós já conhecemos, Bolsonaro veio nos mostrar”. Bolsonaro e seus apoiadores apresentaram-se reiteradamente como portadores de uma verdade oculta que seria de conhecimento apenas do presidente e de seu círculo íntimo, utilizando-se, para tanto, de uma série de artifícios de desinformação (BORGES; VIANNA; MENDONÇA, 2021).

Toda essa ideia de uma verdade secreta conhecida pessoalmente por alguns ecoa fortemente o jaez profetista do pentecostalismo brasileiro, cujo líder religioso ungido por Deus traz verdades “misteriosas” para seu público. Como explica Yago Martins:

Teorias da conspiração se proliferam em ambientes religiosos pelo seu *misterium*. Há um senso de verdade apocalíptica por ser revelada, dando sentido para batalhas pessoais contra o mal absoluto [...]. [Por isso], ainda que não façam o menor sentido, que ignorem incontáveis pontas soltas, que precisem se readaptar a cada nova informação conflitante, o conspiracionista [*sic*] permanece apegado à sua narrativa com a devoção de uma fé. (MARTINS, 2021, p. 75.6).

Não se pode ignorar, ainda, a tramitabilidade de discursos como o de Bolsonaro em um cenário neopentecostal onde vigora o que é conhecido como “teologia do domínio”. Trata-se de um pensamento teológico que remonta a Peter Wagner (1930-2016), teólogo e missionário que trabalhou extensamente o que denomina “batalha espiritual”, para quem a missão dos cristãos na sociedade não é apenas orar e evangelizar, mas também participar ativamente das esferas de domínio na sociedade, especialmente a política (WAGNER, 1996, p. 21-22). Essa é a teologia que impregna os líderes religiosos da denominada “bancada evangélica” brasileira, sem a qual seria impossível compreender sua própria presença ali.

Sobre o tema, no Brasil se destaca o livro do líder da Igreja Universal, bispo Edir Macedo (2008), denominado *Plano de Poder: deus, os cristãos e a política*, em que o líder religioso conclama os cristãos à “resistência, [à] tomada e [ao] estabelecimento do poder político ou de governo”. A ideia é que os cristãos devem dominar os espaços de poder para estabelecer um reino supostamente divino. A linguagem utilizada por Bolsonaro “vem diretamente dos círculos de oração e dos manuais de batalha espiritual, uma série de visões populares entre religiosos sobre a importância de combatermos as influências do diabo na sociedade” (MARTINS, 2021, 7.12).

Todo projeto de domínio de matiz totalitarista pressupõe a eleição de um inimigo, uma força que ativamente se opõe maliciosamente à implantação desse poder, como demonstrou habilmente Hannah Arendt (2013) em seu *Origens do totalitarismo*. Essa estrutura maniqueísta

de bem *versus* mal está presente na maior parte das cosmovisões ocidentais, inclusive judaico-cristãs. No âmbito do neopentecostalismo, há uma ênfase especialmente forte no conceito de “batalha espiritual”, que denotaria justamente uma guerra invisível entre forças espirituais do bem e do mal, da qual os cristãos participam por meio da oração, do jejum e, na teologia do domínio, da ação política (ALEXANDRE, 2020).

Bastou, portanto, a associação da esquerda com esse mal absoluto, já conhecido dos neopentecostais, para que Bolsonaro adquirisse a simpatia dos religiosos. Assim, “com esse discurso de bem contra o mal, Bolsonaro passou a usar o linguajar da batalha espiritual que é tão comum nas igrejas neopentecostais”; nele, a esquerda é “encarnada como um mal demoníaco, inimigo da fé e do bem. Vencê-la seria vencer para Deus, manifestar a vontade do Senhor no mundo, impedir as hostes do diabo” (MARTINS, 2021, p. 7.8). No dia em que Bolsonaro venceu a eleição, o senador Magno Malta definiu a esquerda como um monstro que fora vencido pela mão de Deus por meio de Bolsonaro (ORAÇÃO DE..., 2018). Ecoando a doutrina cristã histórica do *Christus Victor* (Cristo vitorioso), Bolsonaro foi tratado como um guerreiro espiritual, defensor da “moral e dos bons costumes”: “o representante do antipetismo, um defensor da família heteronormativa, um soldado na linha de frente contra o ‘marxismo cultural’, enfim, um verdadeiro aliado dos evangélicos em sua guerra contra o mundo” (ALEXANDRE, 2020, p. 11.19).

Cumpre registrar, aliás, que o aspecto integrador de qualquer cosmovisão está no fato de que ela não apenas contém em seu mito a descrição de uma realidade transcendente, mas também permite a seus portadores a participação nesse mito. Trata-se de uma estrutura que fornece o requisito já tratado de um “mundo habitado”, um mapa de sentido segundo o qual os indivíduos podem orientar suas escolhas e conferir propósito a elas. Na cosmovisão cristã tradicional, isso se dá principalmente no proselitismo e nas obras de caridade.

O projeto discursivo bolsonarista, em igual sentido, não apenas forneceu uma narrativa da esquerda como um mal a ser erradicado, também conclamando seus apoiadores a participar ativamente dessa batalha. Obviamente, qualquer líder político postula o engajamento ativo de seus apoiadores, e líderes populistas são conhecidos por tratar a disputa política como um embate entre o bem e o mal. Mas o que o fenômeno bolsonarista tem de distintivo é justamente ter elevado a disputa a um nível acima do meramente partidário-eleitoral ou mesmo moral para lhe atribuir um matiz metafísico e escatológico, bem como conferir um caráter *religioso* a esse chamado. Isso fica evidente no já referido discurso de Ernesto Araújo:

“Nós temos uma oportunidade única de mudar o Brasil”. Eu tomei essas palavras não somente como uma pertinente avaliação do quadro político, mas como um chamamento, como o toque de um clarim, como uma missão. Eu conclamo aqui todos desta casa a participarem dessa missão, como um compromisso existencial profundo, mudar o Brasil, transformar o Brasil na grande nação que nós somos chamados a ser.

Brasil, escuta hoje esse clarim que o conclama a um grande destino histórico. E o que nós faremos diante desse grande chamado? (MRE, 2019).

Numa reunião de líderes religiosos, um pastor declarou, em resposta a um pedido de orações e jejum, feito por Bolsonaro : “Os maiores líderes evangélicos deste país atenderam à proclamação santa feita pelo chefe supremo da nação, o presidente Jair Messias Bolsonaro” (IGREJA BATISTA GETSÊMANI, 2020). Em outra ocasião, em uma reunião do presidente com um corpo de líderes religiosos, o representante destes afirmou: “[...] e o que o senhor falar aqui na Terra, com esses pastores, que nós estamos aqui, com seguranças, tudo o que nós ligarmos aqui na terra, será ligado no céu” (PATRIOTA CRISTÃO, 2020), em uma paródia do texto bíblico em Mateus (18, 18).

O uso desse versículo não pode ser compreendido à parte da já mencionada doutrina da batalha espiritual. Como explica o teólogo Yago Martins, enquanto igrejas históricas interpretam esse texto como uma referência ao batismo e à excomunhão, “grupos neopentecostais passaram a interpretar essa declaração como uma capacidade de mover o mundo espiritual através de orações fervorosas e declarações verbais de otimismo, pelas quais moldamos o mundo espiritual através de nossas palavras” (MARTINS, 2021, p. 5.8). Assim, o ato de apoio desses líderes religiosos ao governante não seria uma mera identificação partidária, mas um ato metafísico de exercício de autoridade espiritual.

Por fim, não se pode ignorar o evento desencadeador da virada das pesquisas de intenção de voto durante a disputa eleitoral de 2018: o atentado sofrido pelo candidato Jair Bolsonaro, que, carregado nos ombros por um apoiador, foi atingido com um golpe de faca no abdômen. Esse lamentável fato proveu ao projeto bolsonarista o último elemento necessário para a construção de uma mimese completa do cristianismo: a figura do servo sofredor que enfrenta a morte (literal ou simbólica) em prol de seu povo.

A canção citada afirma expressamente: “Pra proteger o seu povo, até facada tomou!” (FILHAS DO MESTRE, 2021). Passou a ser amplamente difundida entre os evangélicos a ideia de que a sobrevivência de Bolsonaro ao atentado era um sinal profético de sua aprovação por Deus e da existência de um plano divino de restauração do país por meio dele (AMADO, 2018). “A facada em seu abdome ajudou a sedimentar na mente de muitos de seus seguidores a imagem messiânica de um político que havia sido livrado da morte por Deus para reconduzir o Brasil à ordem e ao progresso” (ALEXANDRE, 2020, p. 9.28).

O próprio candidato não perdeu a oportunidade de usar o atentado em seu benefício, construindo a narrativa de que sua sobrevivência era um fruto da providência que visava ao cumprimento de sua missão divinamente outorgada. Em uma comunicação ao jornal argentino *La Nación* após sua posse, Bolsonaro defendeu: “Eu tenho uma missão de Deus [...]. Foi um milagre eu estar vivo e outro milagre ter ganhado as eleições” (ARMENDÁRIZ, 2019). Em

outra oportunidade, na semana da Páscoa de 2020, Bolsonaro acionou a simbologia pascal e “evocou a si a lembrança do sofrimento, a (quase) morte e vitória eleitoral. Dessa forma, a própria alegoria da Páscoa fora utilizada para uma nova construção da imagem de Bolsonaro, a do servo sofredor que venceu a morte para defesa da nação” (PY, 2020)<sup>13</sup>.

Não se pode ignorar a força de discursos como esse. A ideia de gratidão diante de alguém que morreu por amor não é uma exclusividade da mitologia cristã, mas é talvez a maior força motriz dessa religião. Relembra-se, aqui, a pintura de Dominico Fetti, denominada *Ecce Homo*, que mostra um Cristo sofrido, usando a coroa de espinhos, com uma pergunta abaixo: “*Ego pro te haec passus sum. Tu vero quid fecisti pro me* [Sofri isso por ti. Agora, que fareis tu por mim?]”. Após ser tocado por essa mensagem, o conde Nicholas Zinzendorf fundou a igreja Moraviana. Como explica Yago Martins (2021, p. 34.1),

[...] as pessoas conseguem fazer muito quando contemplam em adoração alguma face de sofrimento [...]. [...] os discursos do governo nos motivam a olhar a face de sofrimento do presidente, que por sua vez pergunta aos eleitores, como um tipo de Cristo: fiz tudo isso por ti; o que fazes tu por mim?

Sintetizando as ideias desse capítulo, trazemos a observação de Ricardo Alexandre (2020, p. 82):

Construindo sua imagem à semelhança dos líderes religiosos carismáticos de tantas igrejas evangélicas brasileiras, Jair Bolsonaro se vendeu como o porta-voz da verdade; o escolhido livrado da morte para salvar o Brasil; aquele que, a despeito de despreparo, contava com Deus para capacitá-lo; o único com a coragem para interromper o avanço das minorias e proteger os crentes dos perigos do “mundo”. Depois de meses e anos investindo nessa construção, colheu exatamente o que colhem esses líderes religiosos: a submissão incondicional.

Revestido, portanto, de uma pretensa autoridade, mais do que meramente política ou moral, espiritual, o fenômeno bolsonarista, capitaneado pelo candidato/presidente, seus apoiadores e pelos líderes das principais igrejas evangélicas, adquiriu uma adesão pessoal impulsionada pelo senso de dever religioso dos fiéis.

---

<sup>13</sup> Assim sendo, o ritual pascoal, um signo antropológico altamente importante dentro da cosmovisão cristã, é captado para corresponder não mais exclusivamente ao êxodo egípcio ou à crucificação de Cristo, mas também à “morte e ressurreição” de Bolsonaro. Outro exemplo interessante de captação de signos está na ocasião em que o pastor Renê Terra Nova organiza um batismo no Rio Jordão, cuja disposição dos fiéis forma o número “17”, momento em que alguém brada no microfone “Qual é o nome do nosso líder?”, ao que os crentes respondem “Bolsonaro!” (NOVA, 2018). Nesse evento, o signo cristão do batismo é desviado de seu propósito originário, com a substituição da comumente precedente “confissão de fé” por uma profissão de fé política no líder Jair Bolsonaro.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como concluiu o teólogo Yago Martins (2021, p. 14.6), “a melhor forma de descrever o comportamento teológico-político do bolsonarismo é como *profanação messiânica*” (grifo nosso), pois, ainda que

[...] muitos tenham tentado usar a igreja para conseguir votos [...], a profanação dos símbolos religiosos do cristianismo para fins políticos e a exaltação de Bolsonaro como uma figura ungida e profética inundou a campanha de Bolsonaro de modo diferente – muito mais constante, muito mais espiritualista, muito mais profético. (MARTINS, 2021, p. 14.6).

Tais constatações indicam que, embora o fenômeno do bolsonarismo não tenha surgido num vácuo, há uma diferença qualitativa observável da relação que foi visualizada entre Bolsonaro e as massas evangélicas em relação ao apoio conferido por estas a líderes políticos anteriores.

Para compreender os contornos e as razões dessa diferença, é especialmente pertinente compreender a arquitetura das culturas humanas. Para tanto, foi utilizado o conceito antropológico de “cosmovisão”, especialmente no que diz respeito a seus componentes estruturais, tais como temas, mitos e signos. O caráter pré-teórico (ou, na compreensão de alguns, religioso) das cosmovisões também é essencial para que se entenda por que a adesão a um conjunto de valores se dá de modo muito mais intuitivo e afetivo do que crítico e racional.

Também se entende é impossível compreender perfeitamente o sucesso de Bolsonaro na tarefa de angariar o apoio do evangelicalismo sem considerar alguns dogmas que já estavam presentes no corpo teológico do neopentecostalismo brasileiro, tais como a teologia do domínio e a batalha espiritual. Entendemos que, assim como o contexto político do Brasil era propício ao surgimento de candidatos que instrumentalizavam expressões religiosas, o cenário religioso do evangelicalismo brasileiro já configurava um solo fértil para o aparecimento de um líder que captasse, por meio dessas expressões, a adesão religiosa dos fiéis. Não obstante, dada a limitação e o escopo específico da presente pesquisa, foi sobre esse segundo contexto que o trabalho se debruçou.

Para tanto, por fim, assentadas tanto as categorias antropológicas quanto teológicas pertinentes ao problema, procedeu-se a um paralelo entre o projeto discursivo do bolsonarismo e as doutrinas dominantes no contexto evangélico nacional. Demonstrou-se, a partir do conceito de cosmovisão, utilizado como chave hermenêutica, o modo como suas estratégias discursivas orbitaram em torno da formação de uma mimese dessas doutrinas em sua trajetória política pessoal, construindo uma narrativa que funcionou como uma espécie de mitologia fundante de

seu governo profético, espelhando diversos mitos, temas e signos do contexto evangélico.

## REFERÊNCIAS

1. ALEXANDRE, Ricardo. **E a verdade os libertará**: reflexões sobre religião, política e bolsonarismo. São Paulo: Mundo Cristão, 2020.
2. ALMEIDA, Ronaldo de. Bolsonaro presidente: conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 185-213, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.25091/S01013300201900010010>. Acesso em: 16 jun. 2023.
3. AMADO, Guilherme. Pastores difundem ideia de que Bolsonaro sobreviveu por obra divina. **Blog Lauro Jardim**, Rio de Janeiro, 21 set. 2018. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/lauro-jardim/post/pastores-difundem-ideia-de-que-bolsonaro-sobreviveu-por-obra-divina.html>. Acesso em: 25 out. 2022.
4. ANTOINE, Robert. **Rama and the bards**: epic memory in the Ramayana. Calcutta: Thompson, 1975.
5. AQUINO, São Tomás de. **Commentary on the Gospel of John**: Chapters 6-12. Washington: The Catholic University of America Press, 2010.
6. ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
7. ARMENDÁRIZ, Alberto. Jair Bolsonaro: “Yo tengo una misión de Dios, lo veo de esa manera”. **La Nación**, Buenos Aires, 1 jun. 2019. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/el-mundo/yo-tengo-una-mision-de-dios-lo-veo-de-esa-manera-nid2253617/>. Acesso em: 25 out. 2022.
8. BARTHES, Roland. **Aula**. 15. ed. São Paulo: Cultrix, 2007.
9. BERGER, Peter; BERGER, Brigitte; KELLNER, Hansfried, **The homeless mind**: modernization and consciousness. New York: Random House, 1973.
10. BORGES, Luís Adriano Gonçalves; VIANNA, Lucas Oliveira; MENDONÇA, Matheus Thiago Carvalho. A mecânica da desinformação em redes epistêmicas e as contribuições da filosofia da ciência de Susan Haack. **Revista Direito Público**, Brasília, v. 18, n. 99, p. 97-425, jul./set. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.11117/rdp.v18i99.5795>. Acesso em: 15 jun. 2023.
11. BRASIL. Ata da 105ª Sessão da Câmara dos Deputados, Deliberativa Ordinária, Vespertina, da 2ª Sessão Legislativa Ordinária, da 55ª Legislatura, em 3 de maio de 2016. **Diário da Câmara dos Deputados**, 2016, ano 71, n. 67, p. 73-80. Disponível em: <https://imagem.camara.gov.br/Imagem/d/pdf/DCD0020160504000670000.PDF>. Acesso em: 16 jun. 2023.

12. BURITY, Joanildo. Conservative wave, religion and the secular State in post-impeachment Brazil. **International Journal of Latin American Religions**, [S. l.], n. 4, 83-107, 2020a. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s41603-020-00102-6>. Acesso em: 16 jun. 2023.
13. BURITY, Joanildo. El pueblo evangélico: construcción hegemónica, disputas minoritarias y
14. reacción conservadora. **Encartes**, Ciudad de México, v. 3, n. 6, p. 1-31, set. 2020b. Disponível em: <https://encartesanropologicos.mx/openj/index.php/encartes/article/view/158>. Acesso em: 16 jun. 2023.
15. CAMURÇA, Marcelo. Religião, política e espaço público no Brasil: perspectiva histórico/sociológica e a conjuntura das eleições presidenciais de 2018. **Estudos de Sociologia**, Recife, v. 2, n. 2, p. 125-159, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revsocio/article/view/243765>. Acesso em: 16 jun. 2023.
16. CAMURÇA, Marcelo. Um poder evangélico no Estado Brasileiro? Mobilização eleitoral, atuação parlamentar e presença no Governo Bolsonaro. **Revista NUPEM**, Campo Mourão, v. 12, n. 25, p. 82-104, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/nupem/article/view/5597>. Acesso em: 16 jun. 2023.
17. CARSON, Donald. **The Gospel According to John**. Grand Rapids: William B. Eerdmans, 1990.
18. CARVALHO, Daniel. Bolsonaro se irrita com homem que pediu para baixar preço do arroz; veja vídeo. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 25 out. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/10/bolsonaro-se-irrita-com-homem-que-pediu-para-baixar-preco-do-arroz-veja-video.shtml>. Acesso em: 28 ago. 2021.
19. CAVALCANTI, Robinson. **Cristianismo e Política**. Viçosa: Ultimato, 1985.
20. CLOUSER, Roy. **The myth of religious neutrality: an essay on the hidden role of religious belief in theories**. Notre Dame, Estados Unidos: University of Notre Dame Press, 2005.
21. CURCINO, Luzmara. “Conhecereis a Verdade e a Verdade vos libertará”: livros na eleição presidencial de Bolsonaro. **Discurso & Sociedad**, Alicante, v. 13, n. 3, p. 468-494, 2019. Disponível em: <http://www.dissoc.org/es/ediciones/v13n03/DS13%283%29Curcino.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2023.
22. D’ÁVILA, Gabriela . O raio X do Jair Bolsonaro. **Contratexto**, Santiago de Surco, n. 35, p. 137-154, 2021. Disponível em: [http://www.scielo.org.pe/scielo.php?pid=S1025-99452021000100137&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.org.pe/scielo.php?pid=S1025-99452021000100137&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 16 jun. 2023.
23. DOOYEWEERD, Herman. **A new critique of theoretical thought**. Ontario: Paideia Press, 1984.
24. ELLUL, Jacques. **The technological society**. New York: Random House, 1964.
25. FILHAS DO MESTRE. Bolsonaro - Emissário de Deus. **Youtube**, “Bolsonaro

- Músicas”. 4 out. 2021. 1 vídeo (3 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jEQu6OzrAR4>. Acesso em: 30 mar. 2023.
26. FINNIS, John. **Natural Law and Natural Rights**. Oxford: Oxford University Press, 1980
27. FOLHA POLÍTICA. **Bolsonaro compartilha vídeo de jovem que foi a Brasília para compartilhar visão religiosa**. 2020. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=og5rtTPfc\\_o](https://www.youtube.com/watch?v=og5rtTPfc_o). Acesso em: 25 out. 2022.
28. GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
29. GRACINO JÚNIOR, Paulo; GOULART, Mayra; FRIAS, Paula. “Os humilhados serão exaltados”: ressentimento e adesão evangélica ao bolsonarismo. **Cadernos Metrôpole**, São Paulo, v. 23, n. 51, p. 547-580, 2021. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/metropole/article/view/2236-9996.2021-5105>. Acesso em: 16 jun. 2023.
30. GULLINO, Daniel; SOARES, Jussara “Precisa ter prova disso daí?”, diz Bolsonaro sobre acusação a médicos cubanos. **O Globo**, Rio de Janeiro, 16 ago. 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/precisa-ter-prova-disso-dai-diz-bolsonaro-sobre-acusacao-medicos-cubanos-23882202>. Acesso em: 25 out. 2022.
31. HEIDEGGER, Martin. **The basic problems of phenomenology**. Bloomington: Indiana University Press, 1982.
32. HESCHEL, Abraham. **The prophets**. New York: Harper & Row, 1962.
33. HIEBERT, Paul. **Transformando Cosmovisões**. São Paulo: Vida Nova, 2016.
34. IGREJA BATISTA GETSÊMANI. Clamor e jejum pelo Brasil - 05 Abril - Convocação do Presidente Jair Messias Bolsonaro. **Youtube**, 4 abr. 2020. 1 vídeo (4 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MV7vR1ZX19Q&t>. Acesso em: 25 out. 2022.
35. KANT, Immanuel. **Critique of judgement**. Indianapolis: Hackett, 1987.
36. KEENER, Craig. **The Gospel of John: a commentary**. Grand Rapids: Baker Academic, 2012.
37. KOYZIS, David. **Visões e ilusões políticas: uma análise e crítica cristã das ideologias contemporâneas**. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2021.
38. KROEBER, Alfred. **Anthropology**. New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1948.
39. MACEDO, Edir. **Plano de Poder: Deus, os cristãos e a política**. São Paulo: Thomas Nelson, 2008.
40. MALAFAIA, Silas. **Pregação na presença de Jair Bolsonaro**. Publicado em 26 nov. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kslj3BU1bnA>. Acesso em: 25 out. 2022.
41. MARIANO, Ricardo; GERARDI, Dirceu. Eleições presidenciais na América Latina em 2018 e ativismo político de evangélicos conservadores. **Revista USP**, São Paulo, n. 120, p. 61-76, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/155531>.

Acesso em: 16 jun. 2023.

42. MARTINS, Yago. **A religião do bolsonarismo**: um ensaio teológico. Fortaleza: Episteme, 2021.
43. MATOS, Marcus. When the rooster insists on crowing: church, State and human rights in Brazil. **Journal of Latin American Theology**, Londres, v. 15, n. 1, p. 97-120, 2020. Disponível em: <http://bura.brunel.ac.uk/handle/2438/23111>. Acesso em: 16 jun. 2023.
44. MENDONÇA, Ana. 'Todo jornalista deveria ter João 8:32 carimbado na testa', afirma Bolsonaro. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 20 fev. 2020. Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2020/02/20/interna\\_politica,1123332/todo-jornalista-deveria-ter-joao-8-32-carimbado-na-testa-afirma-bol.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2020/02/20/interna_politica,1123332/todo-jornalista-deveria-ter-joao-8-32-carimbado-na-testa-afirma-bol.shtml). Acesso em: 16 jun. 2023.
45. MRE - Ministério das Relações Exteriores. **Discurso do ministro Ernesto Araújo na formatura do Instituto Rio Branco**. Brasília (DF): MRE, 3 maio 2019. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/discursos-artigos-e-entrevistas/ministro-das-relacoes-exteriores/discursos-mre/discurso-do-ministro-ernesto-araujo-na-formatura-do-instituto-rio-branco-brasilia-3-de-maio-de-2019>. Acesso em: 30 ago. 2021.
46. NAUGLE, David. **Worldview**: the history of a concept. Grand Rapids, Michigan: Eerdmans, 2002.
47. NEGRO, Mauro. Profetas e profetismo: identidade e missão. **Revista de Cultura Teológica**, São Paulo, v. 17, n. 67, p. 153-177, abr./jun. 2009. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/15459>. Acesso em: 16 jun. 2023.
48. NOVA, Renê Terra. **Publicação no instagram pessoal do pastor Renê Terra Nova**. 2018. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BoJyiejARtk/>. Acesso em: 25 out. 2022.
49. OLIVEIRA, Maria Fátima Pinho de. ¿Sacralización política o mesianismo? Los liderazgos políticos de Néstor Kirchner, Hugo Chávez, Donald Trump y Jair Bolsonaro. **Tla-melaua**, Puebla, v. 13, n. 47, p. 322-342, 2019. Disponível em: [https://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1870-69162019000200322](https://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-69162019000200322). Acesso em: 16 jun. 2023.
50. OPLER, Morris. Themes as dynamic forces in culture. **American Journal of Sociology**, Chicago, n. 51, 198-206, 1945.
51. ORAÇÃO DE Magno Malta e discurso oficial do presidente eleito Jair Bolsonaro. **Youtube**, 29 out. 2018. 1 vídeo (13 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1qFi6pru4Gw>. Acesso em: 25 out. 2022.
52. PARSONS, Talcott; SHILS, Edward (org.). **Toward a general theory of action**. Cambridge: Harvard University Press, 1952.
53. PASSOS, João Décio. Uma teocracia pentecostal? Considerações a partir da conjuntura política atual. **HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, Belo Horizonte, v. 18, n. 57, p. 1.109, 31 dez. 2020. Disponível em: <http://periodicos>.

- pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/23152. Acesso em: 16 jun. 2023.
54. PATRIOTA CRISTÃO. Deus fala em forte profecia com Bolsonaro e ele convoca todo Brasil para jejuar. **Youtube**, 3 abr. 2020. 1 vídeo (10 min). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=z7M1\\_CWcSts](https://www.youtube.com/watch?v=z7M1_CWcSts). Acesso em: 25 out. 2022.
55. PEIRCE, Charles. **Philosophical writings of Peirce**. New York: Dover, 1955.
56. PY, Fábio. **Cristologia pascoal bolsonarista**. São Leopoldo: Unisinos, 2020. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/598117-cristologia-pascoal-bolsonarista>. Acesso em: 25 out. 2022.
57. QUEIROGA: “COMO DIZ o presidente, é melhor perder a vida que a liberdade”... **UOL Notícias**, São Paulo, 7 dez. 2021. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2021/12/07/e-melhor-perder-a-vida-do-que-perder-a-liberdade-diz-queiroga.htm>. Acesso em 30 mar. 2023
58. REDFIELD, Robert. **The primitive world and its transformations**. Harmondsworth: Penguin, 1968.
59. RIBEIRO, Guilherme. Entre armas e púlpitos: a necropolítica do Bolsonarismo. **Revista Continentes (UFRRJ)**, Rio de Janeiro, ano 9, n. 16, p. 463-485, 2020. Disponível em: <https://www.revistacontinentes.com.br/index.php/continentes/article/view/288>. Acesso em: 16 jun. 2023.
60. SILVA, José da; LIMA, José Edson. Análise do discurso de posse do presidente Jair Messias Bolsonaro. **Revista Humanidades e Inovação**, Palmas, v. 8, n. 38, p. 350-362, 2021. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/3443>. Acesso em: 16 jun. 2023.
61. WAGNER, Peter. **Confronting the powers: how the New Testament Church experienced the power of strategic-level spiritual warfare**. Forest Hills, Michigan: Regal Books, 1996.
62. WEINTRAUB, Abraham. Weintraub fala: sou a pedra que Davi jogou em Golias. **Youtube**, 21 out. 2019. 1 vídeo (24 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hhfFKnyu4aU&t=1431s>. Acesso em: 30 mar. 2023.

*Lucas Oliveira Vianna*

Doutorando e Mestre em Direitos Humanos pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Pesquisador-visitante na Universidade de Edimburgo. ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3975-7188>. Colaboração: Pesquisa bibliográfica, redação e revisão. E-mail: [lucasoliveiravianna@gmail.com](mailto:lucasoliveiravianna@gmail.com)

*Matheus Thiago Carvalho Mendonça*

Bacharelado em Direito pela Universidad Nacional de La Plata. Membro e Pesquisador-Assistente da Human Development & Capability Association. ID ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-1094-1213>. Colaboração: Pesquisa bibliográfica, redação e revisão. E-mail: [mtcarvalhomendonca@gmail.com](mailto:mtcarvalhomendonca@gmail.com)